



Evento	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2013
Local	Porto Alegre - RS
Título	Charles Hartt, cerâmica marajoara e a voga neomarajoara no Brasil
Autor	CLÁUDIA STROHMAYER DE MOURA
Orientador	DANIELA PINHEIRO MACHADO KERN

A pesquisa *Charles Hartt, cerâmica marajoara e a voga neomarajoara no Brasil* tem por objetivo trabalhar com a historiografia da arte indígena brasileira, em especial do autor Charles Hartt, da metade do século XIX, e a maneira que a ornamentação indígena foi utilizada como decoração em um momento em que se buscava a criação de uma identidade nacional. A pesquisa é majoritariamente bibliográfica. Entre os textos pesquisados, materiais originais escritos por Charles Hartt e pesquisas mais recentes que retomam o tema da influência da arte marajoara no Brasil, em especial no início do século XX.

Charles Hartt (1840–1878), geólogo canadense, veio ao Brasil em uma expedição junto com seu professor Louis Agassiz (1807–1873), tendo contato com a arte marajoara através de artefatos arqueológicos encontrados na região. Hartt catalogou diversos materiais marajoaras, como tangas e vasos, e fez um estudo detalhado de suas decorações. Seus trabalhos, porém, são embasados na teoria da existência de uma arte “inferior”, que seria a produzida pelas tribos primitivas, que vai “evoluindo” de acordo com o desenvolvimento da civilização. Em seu texto *A origem da arte ou a evolução da ornamentação*, publicado em 1885, faz uma associação entre a arte simples com uma cultura inferior e a arte complexa com uma cultura superior, enquanto mostra a maneira que a cerâmica marajoara passa de uma decoração baseada fundamentalmente nas linhas retas a um modelo mais complexo, formado com quebras de padrões e linhas curvas. As reproduções dos padrões de decoração com que ele ilustra seu texto são de grande valor para os interessados na produção da região, pois mostram alguns dos desenhos mais comuns encontrados na cerâmica marajoara. Os arquivos acabaram por ser um estudo fundamental para a redescoberta da arte na região.

Pouco tempo após a catalogação feita por Hartt, houve no Brasil uma retomada da estética marajoara, no período correspondente ao final do século XIX e início do século XX. A República, recém-formada, precisava criar uma identidade nacional forte, e as artes eram um dos meios de identificação. Além disso, havia na Europa debates sobre a arte aplicada que acabaram influenciando o Brasil, e não foram poucos os artistas que buscaram nos índios a inspiração para uma nova arte brasileira – como paranaense Theodoro Braga (1872–1953), um dos principais promotores da arte nacionalista no período, e o pernambucano Vicente do Rego Monteiro (1899–1970), autor do livro *Quelques visages de Paris*, que mostra paisagens de Paris desenhadas em estilo marajoara. Essa retomada é vista por alguns historiadores como uma variação da *art-déco* no Brasil, pois ambos são movimentos que lidam com geometrização de temas abstratos e figurativos – a diferença, no caso nacional, é que os temas eram inspirados em algo que o Brasil possuía marcadamente: as selvas, a natureza e o estilo das chamadas “tribos primitivas”.